

# COMÉRCIO DE ALIMENTOS NO ENTORNO DO ESTÁDIO MINEIRÃO: PRÁTICAS E TRADIÇÕES

Aline Pereira Lopes<sup>1</sup>

André Quintão da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Os estádios de futebol, incluindo o Mineirão em Belo Horizonte, desempenham um papel central nas capitais brasileiras. O entorno do estádio não é apenas um espaço de passagem, mas também um local de práticas torcedoras e relações construídas com os barraqueiros de comida. No entanto, durante a Copa do Mundo FIFA 2014, a proibição de vendedores ambulantes no entorno do estádio foi implementada, sem considerar sua importância na transmissão dos saberes culinários da cultura alimentar mineira. A territorialidade dos barraqueiros, sua relevância como patrimônio cultural e suas formas de resistência ao controle do espaço foram discutidas neste trabalho, com base na análise de notícias e audiências públicas ocorridas em 2014 e 2015.

**Palavras-chave:** Cultura alimentar; produção do espaço; barraqueiros do Mineirão.

## Food trade in the vicinity of Mineirão Stadium: practices and traditions

**Abstract:** Football stadiums, including Mineirão in Belo Horizonte, play a central role in Brazilian capitals. The surroundings of the stadium are not just a passageway but also a place of fan practices and relationships built with food vendors. However, during the 2014 FIFA World Cup, a ban on street vendors in the stadium surroundings was implemented, without considering their importance in transmitting the culinary knowledge of the Minas Gerais food culture. The territoriality of the street vendors, their relevance as cultural heritage, and their forms of resistance to space control are discussed in this work, based on the analysis of news articles and public hearings that took place in 2014 and 2015.

**Keywords:** Food culture; production of space; barraqueiros of Mineirão.

## Comercio de alimentos en los alrededores del Estadio Mineirão: prácticas y tradiciones

**Resumo:** Lo Mineirão desempeña un papel central en Belo Horizonte, Brasil. El entorno del estadio no es solo un espacio de paso, sino también un lugar de prácticas de los aficionados y relaciones construidas con los vendedores ambulantes de comida. Sin embargo, durante la Copa Mundial de la FIFA 2014, se implementó la prohibición de vendedores ambulantes en el entorno del estadio, sin tener en cuenta su importancia en la transmisión de los conocimientos culinarios de la cultura alimentaria mineira. La territorialidad de los vendedores ambulantes, su relevancia como patrimonio cultural y sus formas de resistencia al control del espacio se discuten en este trabajo, basándose en el análisis de noticias y audiencias públicas que tuvieron lugar en 2014 y 2015.

**Palabra-clave:** Cultura alimentaria; producción del espacio; vendedores ambulantes del Mineirão.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [aline.apl@hotmail.com](mailto:aline.apl@hotmail.com), Belo Horizonte/MG, Brasil.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [andreqwntao@gmail.com](mailto:andreqwntao@gmail.com), Belo Horizonte/MG, Brasil.

## Introdução

Os estádios de futebol exercem uma grande centralidade no cotidiano das principais capitais brasileiras. Em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, não é diferente. Palco de eventos esportivos e culturais, a região do entorno do Estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente chamado de Mineirão, é bem mais do que um espaço de passagem, sendo também um ponto de convergência de expectativas e práticas de diferentes atores sociais, que lhe dão uma pluralidade de significados. Dessa forma, este estudo observa a vizinhança do Estádio Mineirão, explorando as práticas dos vendedores de alimentos e as relações estabelecidas com diversos agentes, como torcedores e o poder público.

Através das culturas alimentares e da construção de saberes sobre o preparo, o comércio e o sabor dos alimentos vendidos nas barracas, podemos entender também a produção do entorno do estádio como um espaço de sociabilidade. Os vendedores de alimentos, também conhecidos como barraqueiros, têm sua presença marcada no entorno do Mineirão desde antes da inauguração, por volta de 1960. Inicialmente, seu público-alvo era constituído pelos trabalhadores envolvidos na construção do estádio.

Essa presença persistiu após a inauguração, com os barraqueiros mantendo as suas atividades na área. Instaladas no estacionamento do Mineirão, próximas aos portões e bilheterias, o comércio dos barraqueiros se apropriou e deu novos usos a área externa do estádio. Esse uso não se limitou aos dias de jogos de futebol, estendendo-se também para os dias de shows, feiras e outros eventos. Conseqüentemente, o ato de ir ao Estádio do Mineirão, comer um tropeiro e beber uma cerveja, também se converteu em uma prática cultural e de socialização, de encontros e de construções de identidades.

No entanto, com a chegada da Copa do Mundo FIFA 2014, e das diversas reformas do estádio, uma das medidas de controle do espaço utilizada pelo poder público municipal foi a proibição de que os vendedores ambulantes atuassem em seu entorno. Ao impor essa medida de forma unilateral, o poder público não levou em consideração o papel desses comércios na transmissão de saberes culinários que representam a cultura alimentar mineira.

Diante da crescente indignação por parte dos frequentadores do Mineirão, em agosto de 2015, veio o primeiro edital da prefeitura de Belo Horizonte autorizando o retorno de 96 barraqueiros, distribuídos em 4 pontos diferentes durante os jogos: praça Alfredo Camarati, avenida Antônio Carlos, avenida C (atualmente denominada Rei Pelé) e próximo ao Mineirinho. O edital estipulou ainda os tipos de alimentos que poderiam ser comercializados, contudo, não faz com que acreditemos que apenas estes alimentos podiam ser encontrados nas barracas. Atualmente, os barraqueiros comercializam alimentos como o tropeiro, o macarrão na chapa, o cachorro-quente, o sanduíche de pernil, porções e espetinho de churrasco, acompanhados de uma diversidade de bebidas que abrange desde a água mineral até cerveja.

Utilizando dos conceitos de produção do espaço, debatemos neste trabalho a territorialidade dos barraqueiros do Mineirão, ressaltando a sua relevância como patrimônio cultural imaterial do município de Belo Horizonte, bem como suas estratégias de resistência frente às tentativas de controle do

espaço. Para isso, foram analisadas 11 notícias veiculadas no site da Câmara Municipal de Belo Horizonte, relacionadas a audiências públicas nos anos de 2014 e 2015, que discutiram o retorno dos barraqueiros ao entorno do Mineirão.

### **Comércio de alimentos, cultura e sociedade mineira**

Os estádios são espaços de trocas culturais. Uma das importantes esferas que envolvem estes ambientes, são os comércios, barracas e vendas que, ao comercializarem alimentos, contribuem para a construção das identidades e cultura alimentar de determinado lugar. Neste contexto, o entorno do Estádio Governador Magalhães Pinto<sup>3</sup>, o Mineirão, destaca-se como lugar privilegiado para observação da hibridização do espaço e sua produção através do comércio de alimentos e da prática torcedora.

Integrante do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte (MG), a paisagem do Mineirão é composta por outros pontos turísticos como o Museu de Arte Moderna, o Museu Casa Juscelino Kubitschek, a Lagoa da Pampulha, a Igrejinha de São Francisco, entre outros. Em meio à arquitetura de Oscar Niemayer e do paisagismo de Burle Marx.

Para além dos Patrimônios Históricos materiais do seu entorno, o comércio de alimentos, através dos barraqueiros, muito pode nos dizer sobre a construção de uma identidade belo-horizontina e também mineira, tendo em vista o imaginário que é construído, perpetuado e transmitido pela mídia sobre um dos principais estádios de futebol do Brasil. Segundo Trigueiro, é importante destacar o saber tradicional repassado entre gerações no preparo artesanal dos alimentos comercializados nas barracas do entorno do estádio (TRIGUEIRO, 2018, p. 111).

A importância destes barraqueiros para região já foi, inclusive, reforçada de forma institucional, visto que foram considerados pelo ex-presidente da ABAEM, como um Patrimônio Histórico-cultural de Minas Gerais<sup>4</sup>. Nesse sentido, entender a tradição de produção ou comercialização de determinado alimento nos diz sobre a identidade de determinada sociedade que foi construída ao longo do tempo.

Os barraqueiros possuem uma identidade autorreconhecida, além de serem reconhecidos também por outros. Sendo assim, entender o processo de tentativa de reconhecimento das barracas e do próprio tropeiro do Mineirão como patrimônio é importante, pois “o patrimônio cultural é um conceito amplo que envolve as edificações e móveis de relevância histórica, artística e cultural e as celebrações, formas de expressão, lugares e saberes de um povo ou comunidade.” (PINTO, 2017, p. 2).

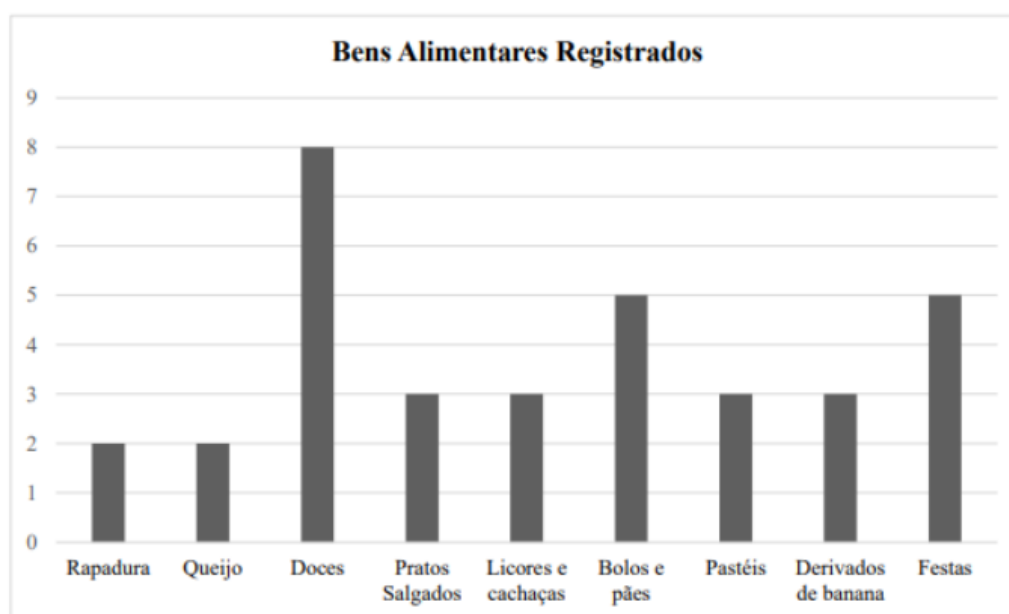
---

<sup>3</sup> Magalhães Pinto foi governador de Minas Gerais durante o período da Ditadura Civil-Militar do Brasil, cabendo críticas ao fato de um estádio tão importante como o Mineirão, ainda manter em seu nome oficial uma homenagem a um ditador e torturador que fez parte de um dos períodos mais tristes da história do nosso país.

<sup>4</sup> Este fato foi apresentado por Karla Trigueiro em sua tese de doutorado. A autora afirma que: “Na carta escrita pelo ex-presidente da ABAEM, Ernani, em 2011 - ao referir-se à importância dos antigos barraqueiros do Mineirão para a cidade de Belo Horizonte - considera-os um “Patrimônio Histórico Cultural”. No relatório apresentado pelo Programa Cidade e Alteridade da UFMG, em 2014, a argumentação é pautada na legislação, voltada à proteção jurídica do “patrimônio cultural imaterial” (TRIGUEIRO, p. 109)

Todavia, refletir sobre a cultura alimentar no entorno do estádio nos mostra como as tradições alimentares são mutáveis, mas também conservadoras. Assim, como indica Certeau (1994), é possível ver a existência dos barraqueiros do Mineirão como uma combinação de tática e estratégia. Onde a estratégia é o lugar da instituição, da negociação do interesse de mercado e da globalização. E a tática é o fazer cotidiano desses barraqueiros, as suas subversões e modos artesanais de cozinhar. Assim, combinando tática e estratégia, os barraqueiros e o público dos eventos criam um espaço híbrido. Seja o ato de cozinhar com “banha” de porco ou de fazer a receita do feijão tropeiro de determinada maneira, os barraqueiros parecem ser um exemplo claro das transformações que a cultura, o preparo e os sabores podem sofrer. A tabela<sup>5</sup> abaixo nos ajuda a entender o papel que alguns órgãos ligados à administração pública têm em relação aos alimentos.

Gráfico 1



Fonte: Relação de Bens protegidos pelos Municípios (apresentados ao ICMS Patrimônio Cultural), pela União e pelo Estado - até o ano de 2016 / exercício 2017 -.(IEPHA, 2017)

Existe no Brasil, uma série de textos escritos sobre a cultura alimentar nacional. Porém, muitos destes tentam construir unidades territoriais simplistas, ignorando a diversidade alimentar existente no nosso país. Essa simplificação das tradições, traz ainda a tentativa de encontrar heranças indígenas, africanas e portuguesas. Para José Newton Meneses, ensaios sobre alimentos e identidades alimentares “deveriam atentar-se ao diálogo aberto dessa diversidade cultural, por sua vez dialogante com as condições históricas, sociais e ambientais construídas no percurso desses encontros”. (MENESES, 2020, p. 419).

Nesse sentido, os encontros e trocas culturais se iniciam no século XVI, quando os sistemas alimentares africanos e europeus se transformam a partir

<sup>5</sup> Tabela retirada do trabalho “A comida como patrimônio no ICMS Cultural mineiro: o Pastel de Farinha de Milho de Pouso Alegre, a Queca de Nova Lima e os Biscoitos de São Tiago”, escrito por Liliane Faria Pinto e apresentado no XXIX Simpósio Nacional de História, realizado pela ANPUH em 2017.

do contato com plantas, raízes e folhas encontradas na América. Isso fez com que a batata, alimento americano, se tornasse parte da cultura alimentar de outros lugares do mundo, se fixando, inclusive, como alimento tradicional na Inglaterra. Outro exemplo são as massas italianas. As massas chegaram na Europa a partir de técnicas asiáticas e o molho que as acompanha só teve a receita criada após a inserção dos tomates americanos nas plantações italianas. Assim, fica claro que “os produtos não somente circularam, mas também, e em muitas ocasiões, fixaram-se nas paisagens, transformando-as (CONTRERAS et al, p. 392).

Em outras palavras, isso significa que, após as grandes navegações e a chegada da era moderna, as trocas culturais forçadas pelo colonialismo impuseram mudanças tanto entre os colonizados, mas também entre os colonos, transformando as práticas culinárias europeias com novos ingredientes e inserindo novos instrumentos. Tais trocas, que foram múltiplas e envolvem múltiplos agentes, criaram manifestações culturais que, nem sempre, é possível apontar uma herança, raiz ou tradição anterior. Sendo assim, ao falarmos sobre a tradição alimentar mineira, não propomos uniformizar as práticas, mas apontar suas diversidades, tanto em práticas, mas também de diferenças colocadas entre as localidades.

A ocupação do entorno do Mineirão com as barracas de alimentos, altera, mesmo que por um período curto diário, os costumes colocados pela modernidade.

Foi no início do século XVI, que as maneiras à mesa começaram a evoluir para se tornarem as que hoje conhecemos. (CONTRERAS et al, p. 393). O hábito de comer junto aos barraqueiros do mineirão ignora as regras de etiqueta e maneiras à mesa, visto que, nesses ambientes, a alimentação acontece em pé, sentado no chão, sentado em uma banquetta (sem mesa de apoio) ou, mesmo com um apoio, este é a bancada das próprias barracas. Tal fato nos mostra como o consumo de alimentos no entorno no mineirão pode ir além da análise das próprias comidas preparadas e vendidas nos locais, visto que podemos, através desse mesmo objeto, observar como os hábitos alimentares se transformam dependendo do local em que os indivíduos estão.

As preocupações referentes à própria higienização dos alimentos não parecem ser um fator determinante para os consumidores. Apesar de existirem estabelecimentos fixos como restaurantes e bares dentro da esplanada e no entorno, as barracas continuam sendo reivindicadas.

Segundo Campos (2016), a questão da segurança e higiene é um dos fatores que fez com que os barraqueiros, que antes ficavam no estacionamento do Mineirão, passassem a ficar espalhados pelas ruas do entorno após a reforma. Nas entrevistas que a autora fez durante sua pesquisa, ela conseguiu perceber que a gestão da Minas Arena cita o fato de que, qualquer ocorrência relacionada à intoxicação alimentar ou intestinal se tornaria responsabilidade da empresa, com possibilidade de corte de repasses ou multa, que pode chegar até 16 milhões de reais (CAMPOS, 2016, p. 235). Apesar da preocupação por parte da Minas Arena, o consumo de alimentos nas barracas segue sendo uma prática comum entre torcedores que frequentam o lugar em dias de jogos ou eventos.

Por ser uma região que recebe turistas com frequência, existem bares e restaurantes caros no entorno, incluindo franquias de *fast food* como Spoleto,

na esplanada do Mineirão, o Subway, em frente à entrada C do estádio, o McDonalds, na Avenida Carlos Luz, aproximadamente 1km do estádio e o Burger King, dentro do Hipermercado Carrefour, também à 1km do estádio. Além destes, restaurantes tradicionais belo-horizontinos também foram instalados no entorno do estádio, como foi o caso do Bolão e do Chopp da Fábrica. Os dois restaurantes existem há décadas na capital mineira e tinham como marco estarem localizados na região Leste da cidade, longe do Mineirão. Porém, com a abertura de unidades destes restaurantes no entorno do estádio, fica claro que os restaurantes também buscam demarcar uma identidade da gastronomia mineira para aqueles que frequentam o espaço.

Nesse sentido, é perceptível que tanto os restaurantes, quanto os barraqueiros, fazem parte da construção de uma cultura alimentar da região da Pampulha. Porém, podemos discutir qual papel que cada um destes comércios ocupa na sociedade, as diferentes experiências que proporcionam e qual público frequenta cada um deles.

Como dito anteriormente, a modernidade alimentar trouxe consigo algumas práticas que mudaram os modos à mesa. Para Contreras et al (p. 397), os guias gastronômicos e as escolas de culinária construíram uma ideia de cozinha “distinta” e tecnológica. Esse “esnobismo”, como o autor fala, serviu para desestabilizar as cozinhas regionais e homogeneizar a cozinha ideal. Estes estabelecimentos que tentam seguir os moldes impostos pelos guias gastronômicos, tendem também a se tornarem lugares pouco acessíveis para o grande público.

Em contraponto a esta ideia de cozinha, os *fast food* se apresentam como um restaurante de comida rápida, sem almejar ser uma cozinha refinada ou como variedade alimentar. Mesmo assim, em alguns lugares, essas redes de restaurantes chegam a superar uma alimentação tradicional (CONTRERAS et al, 2020, p. 402). Tal discussão se torna importante pois, no entorno do Mineirão, existe uma diversidade de possibilidades alimentares, desde as redes modernas, até os barraqueiros que permanecem comercializando alimentos parecidos há mais de 60 anos. Mais que isso, a modernidade e a tradição parecem se enlaçar nas próprias receitas.

Com frequência, quando se fala da homogeneização dos consumos [globalização] é como se fosse incorporado apenas um aspecto dessa referência, os produtos “disponíveis”, e não tanto aqueles efetivamente ingeridos. E tampouco as situações que provêm ou acompanham o consumo alimentar, ou a identidade de quem os ingere (MENEZES, 2020, p. 424).

Assim, o feijão tropeiro, um dos principais alimentos comercializados no Estádio, representa a produção artesanal de um saber tradicional mineiro. O feijão tropeiro, um dos alimentos comercializados no entorno do estádio, é um dos alimentos considerados parte da tradição culinária mineira. Para entender a importância desse alimento na culinária local, Trigueiro (2018, p. 123) nos apresenta que, “tradicionalmente, no Brasil, constam registros históricos do consumo do feijão ligado à alimentação camponesa, na economia de subsistência, que teria afastado o perigo da fome”. O feijão, assim como o milho, a batata e a mandioca, tem um papel importante na culinária

que vai além do próprio sabor, possuindo várias possibilidades de preparo e a capacidade de sustento.

Apesar de ter entre seus ingredientes elementos que surgem a partir de processos de industrialização, o feijão tropeiro comercializado nos centros urbanos nos mostra as trocas culturais entre gerações, a incorporação de alimentos modernos e a construção de novos sabores a partir do diálogo entre tradições. Isso implica dizer que certas tradições culinárias permanecem fortes na sociedade, apesar de mudanças em direção a uma progressiva homogeneização (CONTRERAS et al, 2020, p. 399).

Nesse sentido, entender as permanências e mudanças na cultura alimentar mineira/belo-horizontina e dos eventos no estádio Mineirão, permite entender a construção de identidade a partir das comidas. Para isso, a perspectiva de Menezes sobre as práticas alimentares é importante para entendermos:

Entendemos a mesa como sociabilidade, hospitalidade, escolhas alimentares e comportamentais, modos de viver, hábitos, gostos, gestos, ritos e tantas manifestações culturais quanto à quantidade da oferta alimentar que se coloca sobre ela. As práticas e condutas alimentares são para a História e os historiadores, instrumento primordial para a compreensão de identidades e de economias, de sociabilidades e concepções de saúde, de simbologias e de práticas de cocção (MENESES, 2020, p. 421)

No caso do Mineirão, os barraqueiros têm uma identidade construída. Alguns deles trabalham no local desde a década de 1960, antes da inauguração. A manutenção das barracas, muitas vezes, se tornou um negócio de família, envolvendo gerações diferentes. Além disso, a retirada forçada das barracas em 2010 fez com que mais um acontecimento gerasse identificação entre eles: a necessidade de organização em defesa da permanência das barracas no entorno do estádio em dias de jogos e eventos (TRIGUEIRO, 2018, p. 111).

### **Produção do Espaço pelos barraqueiros do Mineirão**

Em ocasião da comemoração dos 15 anos do Laboratório Sport, João Malaia (2020) levanta questionamentos sobre a história por trás do hábito de frequentar praças esportivas. Para o autor, esse pode ser um hábito cultural que remonta a pelo menos dois séculos no Brasil. O questionamento e a afirmação vêm acompanhados por uma sugestão de recorte temporal, em que o turfe possa ter sido um dos primeiros eventos nesse sentido, com suas iniciativas surgindo na década de 1840. No entanto, ressalta, é importante que consideremos a existência de outras possíveis iniciativas anteriores, como as touradas.

Considerando esse recorte temporal, podemos observar que o hábito de frequentar praças esportivas no Brasil se formou mesmo antes do processo de urbanização das cidades brasileiras. Isso porque, entre os anos de 1920 e 1960, de acordo com os dados apresentados por Milton Santos (2018), apenas 25% da população brasileira vivia em áreas urbanas. Enquanto na Inglaterra a construção das praças esportivas ocorreu em paralelo ao crescimento

urbano e à necessidade de criar "espaços úteis", no Brasil o fenômeno esportivo antecede a urbanização de fato.

Assim, afirmamos que o hábito de frequentar arenas esportivas não surge com a urbanização brasileira, porém é evidente que o processo de urbanização no Brasil está intimamente relacionado aos estágios de transformação dos estádios esportivos. No país, essas transformações são impulsionadas pelo contexto socioeconômico capitalista e geram um fenômeno conhecido como comodificação da cidade, onde os estádios são incorporados como espaços de valor produtivo dentro do sistema econômico criando valor ao uso e apropriação do solo.

A ideia de separar a cidade em setores produtivos e de lazer, como proposto pelo movimento modernista, é questionada diante da realidade complexa que observamos atualmente. Milton Santos destaca a importância de romper com a herança do modernismo e reconhecer as múltiplas formas de uso e apropriação do espaço e do tempo. Isso significa compreender que os espaços urbanos são caracterizados por uma diversidade de práticas e significados, que vão além da dicotomia entre produção e lazer.

Já que a realização concreta da história não separa o natural e o artificial, o natural e o político, devemos propor um outro modo de ver a realidade, oposto a esse trabalho secular de purificação, fundado em dois polos distintos. No mundo de hoje, é frequentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social (SANTOS, 2006, p. 65).

O autor destaca a importância de encarar o espaço como um conjunto de contradições entre objetos e relações. O espaço é considerado híbrido, uma vez que sua história é construída através das relações entre objetos e sujeitos, natureza e sociedade, passado e futuro. Essas dimensões não podem ser vistas separadamente, conforme afirmado por Milton Santos (2006, p.66). Essa perspectiva busca romper com o dualismo da modernidade, não se restringindo apenas à Geografia Humana, mas também se destacando em outros campos como filosofia, sociologia, antropologia, comunicação e lazer.

Nesse contexto, a hibrididade cultural desempenha um papel importante. Segundo Néstor Garcia Canclini, a hibridação ocorre quando estruturas ou práticas distintas, que existiam separadamente, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2019, p. XIX). É um processo sociocultural que ocorre no encontro de diferentes culturas, resultando em manifestações que fortalecem convergências e afirmam divergências, criando continuidades e descontinuidades.

Por sua vez, Homi K. Bhabha (2013), ao refletir sobre os "encontros entre culturas", questiona o constante movimento exploratório em que nossa sociedade está imersa. Ele destaca que esse movimento nos coloca nas fronteiras do presente, indo além do que está fixado. Sendo uma das características mais marcantes deste movimento o uso indiscriminado do sufixo "pós", como pós-modernidade e pós-industrial. Bhabha ressalta ainda que a hibridação ocorre quando as diferenças culturais são articuladas, superando as subjetividades originais, como classe e gênero, e abrindo um terreno que ele chama de "entre lugares".



Assim, compreendemos o hibridismo cultural como uma busca pela subjetividade e pela articulação social da diferença, rompendo com identidades pré-estabelecidas. Este é um processo complexo que atribui significados aos objetos e questiona a visão limitante do discurso de exotismo da "multiculturalidade".

Os estudos sobre narrativas identitárias com enfoques teóricos que levam em conta os processos de hibridação (Hannerz; Hall) mostram que não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirma-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em que um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência (CANCLINI, 2019, p. XXIII).

De acordo com Lefebvre (2001) e Harvey (2016), as práticas espaciais em um contexto híbrido podem ser analisadas em três dimensões: as práticas espaciais materiais; as representações do espaço; e os espaços de representação. A tabela proposta por David Harvey, inspirada nos estudos de Lefebvre, apresenta quatro linhas, que exploram diferentes aspectos dessas dimensões:

1. *Práticas espaciais materiais (vivido)*: essa dimensão está relacionada com as práticas concretas que ocorrem no espaço, envolvendo fluxo de bens, dinheiro e pessoas. Refere também à dimensão física e material do espaço, onde ocorrem atividades que visam garantir a produção e reprodução social;
2. *Representações do espaço (percebido)*: Nessa dimensão, são considerados os códigos, signos e significados atribuídos ao espaço. Assim, trata da compreensão subjetiva e simbólica do espaço, influenciada pela cultura, pela história e pelas percepções individuais e coletivas. As representações do espaço são construídas por meio de símbolos, linguagem e práticas sociais;
3. *Espaços de representação (imaginado)*: Refere-se às criações mentais e imaginárias do espaço. Inclui planos utópicos, ideias, conceitos e visões de como o espaço poderia ser ou deveria ser. Os espaços de representação são expressos por meio de construções materiais, como edifícios, monumentos, escolas, museus, pinturas e outras formas de manifestação artística e cultural;

Por sua vez, as quatro colunas da tabela são compostas por “compreensões mais convencionais”, de acordo com Harvey, sendo:

1. *Acessibilidade e distanciamento*: Refere às condições que afetam a interação social e impõem limites no acesso ao espaço. Essas condições são influenciadas pelo sistema econômico, pela divisão do trabalho, pelas hierarquias sociais e outras estruturas que determinam a capacidade das pessoas de se deslocarem e se relacionarem com determinados espaços;
2. *Apropriação e uso do espaço*: Essa coluna se concentra nos objetos e nas atividades que ocupam e são realizados no espaço. Ela considera como diferentes grupos e indivíduos se apropriam do espaço de acordo com suas necessidades, interesses e poder, e como essas apropriações afetam a forma como o espaço é utilizado e vivenciado;
3. *Domínio e controle do espaço*: Essa coluna aborda a forma como as instituições e organizações exercem poder e controle sobre o espaço. Inclui

tanto o controle exercido por meio de recursos legais, como leis e regulamentos, quanto o controle extralegal, por meio de mecanismos de influência e poder econômico, político e social. Examina também como essas formas de dominação moldam a distribuição, o uso e a transformação do espaço.

4. *Produção do espaço*: Essa coluna analisa como o uso, domínio e o controle do espaço são reproduzidos ao longo do tempo e como novas modalidades de representação do espaço surgem. Ela enfoca ainda os processos sociais, políticos, econômicos e culturais que estão envolvidos na produção do espaço, incluindo as relações de poder, as dinâmicas de transformação urbana, os projetos de desenvolvimento e as lutas pelo controle e pela reconfiguração do espaço.

Através dessas colunas, podemos compreender as diferentes dimensões e relações envolvidas na produção do espaço, o que contribui para uma análise mais abrangente e crítica da organização e transformação dos espaços urbanos e sociais ao longo do tempo. Tomando como exemplo um estádio de futebol genérico, construído após os anos 1990 em uma metrópole, podemos afirmar que, muito provavelmente, ele é uma estrutura construída para o fluxo de relações sociais e comerciais, como a identificação do torcedor com o esporte e/ou clube.

Além disso, este estádio deve possuir mecanismos de controle social e vigilância que se manifestam de diferentes maneiras, como a alteração da ordem do trânsito, mudança nas rotas de ônibus, restrição de acesso ao estádio e arredores para torcedores sem ingressos, criação de setor para torcedores da equipe visitante e presença de forças policiais. Essas características também podem se materializar em estruturas físicas, como novas entradas e área de convivência, que tem como objetivo controlar o acesso e criar áreas de sociabilidade, afetando a organização territorial da sociedade. Esses aspectos representam o espaço vivido, das práticas espaciais materiais.

O estádio se torna uma centralidade urbana, tanto temporariamente em dias de jogos, quanto cotidianamente como espaço de lazer na região em que está localizado. Isso é exemplificado pelas observações dos dias sem jogos no Mineirão, estudada por Campos (2016). O estádio também é um espaço racionalizado, construído com base na lógica da hierarquia espacial da cidade, e exerce domínio e controle sobre uma comunidade. A sua arquitetura reflete a época em que foi construído e o tombamento de sua fachada busca preservar a memória sobre aquele tempo.

Por fim, é importante destacar que, embora o estádio esteja sob o controle de uma classe dominante, seja do Estado ou de uma classe social financeiramente privilegiada, ele é um espaço em constante disputa. A atração e a repulsa, características dos espaços de representação (imaginado), podem ser descritos pelos símbolos de apego (topofilia) ou aversão (topofobia) que os estádios geram na sociedade urbana.

No plano operacional urbanístico, [o estádio] funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande fluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública do seu entorno – para garantir segurança e acessibilidade –, e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. Não obstante tal periodicidade, que condena ao silêncio – e ao desperdício

de recursos – na maior parte do tempo a imensa estrutura de concreto, do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural, denso de memória e toponímia (MASCARENHAS, 2015, p. 3).

Compreender os estádios de futebol como espaços híbridos e em constante produção por meio de práticas cotidianas é essencial para entender a dinâmica social. Esses espaços não são apenas estruturas físicas, mas também possuem significados simbólicos e são permeados por relações sociais e culturais. Eles se tornam locais de encontro e interação, onde diferentes grupos e indivíduos se reúnem para vivenciar e compartilhar experiências relacionadas ao esporte e à identificação com seus clubes.

Os estádios de futebol não são também apenas espaços de entretenimento, mas também de reflexão das dinâmicas e contradições presentes na sociedade. Eles são palcos de expressão de identidades coletivas, rivalidades locais, manifestações políticas e culturais. Além disso, podem ser utilizados como ferramentas de controle e influência, seja pela classe dominante ou pelas instituições que detêm poder sobre esses espaços.

É importante reconhecer que a produção do espaço não é estática, mas sim um processo dinâmico que envolve práticas e relações sociais em constante transformação. Os estádios de futebol estão sujeitos a mudanças e adaptações ao longo do tempo, seja por meio de reformas e modernizações estruturais, ou pelas diversas formas de apropriação e uso que ocorrem dentro e fora deles.

Dessa forma, compreender os estádios de futebol como espaços híbridos e em constante produção nos permite analisar de forma mais ampla e crítica as múltiplas dimensões e significados que estão presentes nesses locais. Essa compreensão nos ajuda a enxergar para além da simples arquitetura e a considerar as práticas espaciais, as representações simbólicas e as relações de poder que moldam e são moldadas pelos estádios de futebol.

Assim, na Tabela 1 apresentamos um entendimento sobre como as diversas manifestações no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte/MG podem ser categorizadas pelos conceitos de Lefebvre e Harvey. Na sequência, explicamos em quais situações essas categorias são aplicáveis. No entanto, assim como fez John Bale e Paramio et. al. é importante ressaltar que essas categorias não devem ser vistas como limitadoras de uma experiência ou produto. Pois, como mencionado ao longo deste artigo, as práticas espaciais e as representações do espaço podem ser híbridas e fluidas.

	<b>Acessibilidade e distanciamento</b>	<b>Apropriação e uso do espaço</b>	<b>Domínio e controle do espaço</b>	<b>Produção do espaço</b>
<b>Práticas espaciais materiais (Vivido)</b>	Refere à forma como os estádios e seus estabelecimentos são acessados e à sua localização dentro das	Envolve a utilização dos diferentes espaços dentro do estádio. Também considera o	Refere à forma como as instituições e organizações controlam e exercem autoridade sobre	Envolve a criação e implementação de infraestruturas e estratégias para o

	idades.	uso dos espaços do entorno.	o espaço do estádio.	funcionamento do estádio e eventos relacionados.
<b>Representação do espaço (Percebido)</b>	Noções do senso comum e especializadas sobre como os estádios devem ser	Refere às diferentes situações e vivências que ocorrem no espaço do estádio	Trata das restrições e regulamentações impostas ao público	Diz do surgimento, ou incorporação, de novos adereços e práticas entre o público
<b>Espaços de representação (Imaginado)</b>	Os estádios são vistos como templos do consumo, modernos, confortáveis e seguros.	Senso de toponímia associada principalmente às memórias afetivas	Senso de toponímia que surge especialmente quando são acionadas imagens de violência	Representada por meio dos planos de reforma, diagramas e representações gráficas. Também pode ser originada representações narradas pelos museus

**Tabela 1 - Produção do Espaço em Estádios de Futebol**

- *Práticas espaciais materiais (Vivido)*

A análise dos pontos relacionados às práticas espaciais materiais (vivido) é de grande relevância para compreender a produção e reprodução social dos estádios. Ao examinar a acessibilidade e distanciamento, é possível avaliar como o transporte público influencia a distribuição e a interação social, afetando a acessibilidade das pessoas aos estádios e sua capacidade de se deslocar pela cidade.

A apropriação e uso do espaço, tanto interna quanto externamente, revelam como os diferentes elementos presentes nos estádios são utilizados e vivenciados. Isso inclui desde os espaços internos, como o campo, camarotes e vestiários, até os espaços externos, como os bairros residenciais ao redor do estádio, o comércio local e a presença de ambulantes em dias de jogo. Essa análise permite compreender como os estádios se tornam centros de convívio social e como eles influenciam a dinâmica das áreas circundantes.

O domínio e controle do espaço são aspectos cruciais na organização dos estádios. Medidas de segurança, como a redução da capacidade total dos estádios e a criação de setores com assentos numerados, são adotadas para garantir o controle e a ordem durante os eventos esportivos. Além disso, a delimitação de setores exclusivos, a proibição de torcedores sem ingressos nas imediações e a presença de policiamento e vigilância por câmeras exemplificam o exercício de domínio sobre o espaço, visando à segurança e ao controle do público presente.

A produção do espaço engloba as ações e intervenções realizadas para a construção e adaptação dos estádios. Isso inclui desde a construção de infraestruturas para o policiamento e esquemas de segurança e trânsito para

dias de jogo, até a criação de esplanadas, a construção de novas vias, passarelas e estações de ônibus e metrô. Além disso, são levadas em consideração as infraestruturas necessárias para a transmissão de jogos, como cabines de imprensa e zona mista. Essa análise permite compreender como os estádios são planejados e adaptados para atender às demandas dos eventos esportivos e como contribuem para a transformação do espaço urbano.

Em suma, ao analisar os pontos relacionados às práticas espaciais materiais, podemos compreender as relações e dinâmicas presentes na produção e vivência dos estádios de futebol, contribuindo para uma análise mais abrangente e crítica da organização e transformação dos espaços urbanos e sociais. Isso nos permite compreender como esses espaços são moldados e como influenciam a vida e interações daqueles que os frequentam.

- *Representação do Espaço (Percebido)*

A representação do espaço nos estádios de futebol abrange diversas dimensões e percepções dos indivíduos envolvidos. No aspecto da acessibilidade e distanciamento, as distinções entre estádios "caldeirão" e "frio" baseiam-se na atmosfera e na intensidade das torcidas, o que influencia a forma como o estádio é vivenciado. Também podemos observar as percepções sobre a qualidade das instalações e o conforto proporcionado, assim como a conformidade com os padrões estabelecidos, o que pode impactar a reputação do estádio.

Por sua vez, a apropriação e uso do espaço vão além do futebol, envolvendo a maneira como o estádio é apropriado e utilizado pelo público. Assim, a esplanada é vista como um espaço de convívio social importante, tanto antes quanto depois dos jogos, e até mesmo em dias sem jogos. Neste mesmo sentido, a divisão dos setores para as torcidas organizadas e as preferências em relação aos melhores setores para assistir aos jogos também fazem parte da dinâmica de apropriação do espaço. Além disso, a utilização de sinalizadores nas ruas de acesso ao estádio é uma forma de expressão e participação ativa por parte dos torcedores, enquanto a presença de alimentos tradicionais e ambulantes na região em dias de jogos contribui para a experiência cultural e gastronômica do evento.

O domínio e controle do espaço estão relacionados às medidas de segurança e regulação dentro dos estádios, como no caso das restrições e proibições do uso de sinalizadores e foguetes. A delimitação de áreas proibidas ou segregadas para torcedores de outras equipes, ou até para torcidas do mesmo time, nos leva a refletir sobre a geopolítica das torcidas. Assim como a separação entre setores destinados a assentos e setores destinados a permanecer em pé é uma forma de controlar a organização e o comportamento dos torcedores. Nesta categoria ainda podemos observar as regulamentações relacionadas ao consumo de alimentos e bebidas, bem como o controle do comércio de produtos relacionados ao clube mandante. Além disso, a relação simbólica entre o estádio e a identidade local também desempenha um papel importante na análise desta categoria, uma vez que o estádio se torna um elemento representativo da comunidade e contribui para a construção da identidade local.

Por sua vez, a produção do espaço envolve a criação de experiências sensoriais e visuais durante os jogos, como o uso por parte dos torcedores de celulares e mosaicos como formas de expressão coletiva e apoio aos times. Também podemos destacar os clubes que produzem fogos de artifício e pirotecnia personalizados e controlados, proporcionando uma atmosfera única durante os eventos esportivos, contribuindo para a animação e o envolvimento dos torcedores.

Assim, a análise da representação do espaço percebido nos estádios de futebol nos permite compreender as percepções, práticas e dinâmicas sociais presentes nesses espaços. Essa compreensão abrangente é essencial para avaliar o impacto dos estádios na vida das pessoas, na cultura e na identidade local, além de auxiliar na melhoria da acessibilidade, segurança e experiência dos espectadores.

- *Espaços de representação (Imaginado)*

Por fim, a análise dos espaços de representação nos estádios de futebol nos permite compreender a importância e o significado atribuídos a esses locais. Assim, no contexto da acessibilidade e distanciamento, a projeção dos estádios como espaços destinados ao público sentado reflete a busca por conforto e comodidade, além de uma tentativa de desvinculação da violência muitas vezes associada ao futebol. Dessa forma, os estádios buscam atrair e acolher diversos públicos, promovendo a inclusão e a diversidade.

Já a apropriação e uso do espaço são representados através da iconografia dos estádios, como os traçados do Mineirão eternizados na capa do álbum do Skank, que se tornam símbolos marcantes e representativos da identidade local. Expressões como "Caiu no Horto tá Morto" ou "Caiu no Mineirão é campeão" demonstram a importância do estádio como um local de celebração e vitória atleticana. Além disso, o termo "Toca 3", utilizado para se referir ao Mineirão, evidencia a apropriação afetiva e simbólica do espaço pelos torcedores cruzeirenses.

No que diz respeito ao domínio e controle do espaço, as noções são representadas pelos projetos de reforma dos estádios, que visam aprimorar a gestão, a segurança e a eficiência dos espaços. Essas medidas buscam garantir uma experiência positiva e segura para os torcedores, ao mesmo tempo em que buscam preservar a ordem e minimizar potenciais conflitos.

Por sua vez, a produção do espaço é retratada através dos planos de reforma, que buscam melhorar as estruturas e a infraestrutura dos estádios. Os diagramas e representações gráficas dos diferentes setores do estádio e seus arredores permitem uma visualização clara e detalhada do espaço, idealizando a organização e o planejamento dos eventos esportivos. Além disso, as imagens do museu do futebol têm o papel de resgatar a história e a memória do esporte, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e reforçando a importância cultural dos estádios.

Logo, a análise dos espaços de representação nos estádios de futebol nos permite compreender as múltiplas dimensões e significados atribuídos a esses locais. Desde a busca pela acessibilidade e distanciamento até a apropriação afetiva, o domínio e controle do espaço, e a produção de novas experiências, esses elementos contribuem para a construção de uma

atmosfera única e significativa nos estádios de futebol.

Essas categorias nos fornecem um referencial teórico para compreender as práticas espaciais relacionadas à acessibilidade e distanciamento, apropriação e uso do espaço, domínio e controle do espaço, e produção do espaço. Ao analisarmos as avaliações, poderemos identificar aspectos relevantes e compreender como esses espaços de consumo são percebidos e representados pelos usuários, contribuindo para uma compreensão mais ampla das gastronômicas e identitárias vividas no estádio.

## **Análise**

Buscando refletir quanto a vizinhança do Estádio Mineirão, as práticas dos vendedores de alimentos e as relações estabelecidas por estes com diversos agentes, como torcedores e o poder público, foram selecionadas para esta seção de análise um total de 11 notícias (Tabela 2) divulgadas no site da Câmara Municipal de Belo Horizonte, relacionadas à discussão ocorrida na casa legislativa sobre a retomada dos barraqueiros no entorno do Mineirão.

<b>Data</b>	<b>Título</b>
30/10/2013	Venda de alimentos no entorno dos estádios será discutida em Comissão
06/06/2014	Vereadores vão discutir comércio no entorno do Mineirão
09/06/2014	Barraqueiros poderão voltar a trabalhar no entorno do Mineirão
19/11/2014	Em foco, situação de feirantes de BH e barraqueiros do Mineirão
21/11/2014	Barraqueiros tradicionais do Mineirão cobram retorno ao local
14/01/2015	Artesanato na rua e bagunça em volta do Mineirão motivaram audiências
24/08/2015	Licitação para feira do entorno do Mineirão será discutida na Câmara
26/08/2015	Barraqueiros querem retornar à atividade no Mineirão em dias de jogos
09/03/2016	Vereadores e feirantes questionam critério de licitação da PBH

**Tabela 2 - Lista de notícias veiculadas no site da Câmara Municipal de Belo Horizonte**

A escolha deste material se deve ao fato de, através de sua análise, ser possível identificar os atores do espaço e suas formas de organizações. Assim, partindo da concepção política do território, reflete-se a sua formação social e cultural através das dimensões do vivido, percebido e imaginado. Ainda através da análise busca-se compreender quais os sentidos são atribuídos aos barraqueiros do Mineirão e como o poder público de Belo Horizonte busca conciliar os interesses e mitigar conflitos entre os diferentes atores, incluindo a si próprio.

O levantamento das matérias selecionadas foi realizado através da busca do termo "Barraqueiros" no campo de pesquisa da página inicial do site

da Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH). No total, foram encontrados 18 resultados, dos quais 7 foram desconsiderados por não fazerem referência às atividades dos barraqueiros nas proximidades do estádio Mineirão. Dentre as matérias selecionadas, a mais antiga remonta a 2014. Por outro lado, a mais recente é datada de 2015 e relata uma audiência pública que discutiu a volta dos comerciantes ao local.

As matérias selecionadas oferecem uma visão abrangente das discussões relacionadas à presença dos barraqueiros nas proximidades do Estádio Mineirão, assim como das interações entre esses vendedores, os torcedores e as autoridades públicas de Belo Horizonte. Para atender aos objetivos da proposta pelo artigo, foram definidas categorias de análise que nos ajudarão a explorar os principais tópicos abordados nas notícias.

### *1. Atividades dos Barraqueiros*

Nesta categoria, iremos explorar as atividades, práticas e desafios enfrentados pelos barraqueiros que atuam nas imediações do Estádio Mineirão, incluindo informações sobre seus produtos, condições de trabalho e as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Entre as matérias selecionadas, algumas destacam as práticas do barraqueiros, assim como os produtos comercializados.

Temos como exemplo a matéria intitulada “Licitação para feira do entorno do Mineirão será discutida na Câmara” (2015), que destaca a insatisfação dos barraqueiros com o processo licitatório da Prefeitura de Belo Horizonte para a comercialização de comidas e bebidas. Nesse contexto, a matéria oferece uma visão das dificuldades financeiras que os barraqueiros vinham enfrentando devido a sua retirada do local, ressaltando ainda que a maioria deles era composta por pessoas de baixa renda, incluindo mulheres e idosos, que tiravam daquele comércio o sustento de suas famílias.

Outra matéria relevante é a publicada poucos dias após a anterior, intitulada “Barraqueiros querem retornar à atividade no Mineirão em dias de jogos” (2015). Nela, a Câmara Municipal de Belo Horizonte faz uma descrição da audiência pública realizada pela Comissão de Meio Ambiente e Política Urbana e Direitos Humanos e Defesa do Consumidor, em que os barraqueiros reivindicaram o seu retorno ao local, utilizando-se como defesa a relevância cultural dos alimentos e dos próprios barraqueiros.

### *2. Relações estabelecidas*

Para a discussão desta categoria, a matéria tratada anteriormente, sobre a licitação para feira do entorno do Mineirão, ainda é das mais relevantes. A ocupação do plenário da Câmara pelos barraqueiros demonstra a disposição destes trabalhadores em se envolverem no diálogo com o poder público. A atitude evidencia o esforço dos barraqueiros em buscar uma solução para os seus desafios, assim como reivindicar os seus direitos.

Além disso, a presença de representantes de diversas instituições e entidades, como por exemplo a Procuradoria Geral do Município, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, o Ministério Público entre outros, destaca a complexidade das relações envolvidas no processo. Revelando o quanto a



questão da ocupação dos barraqueiros no entorno do Mineirão é multifacetada, envolvendo uma ampla rede de interesses, direitos e responsabilidades.

Também relevante é a matéria divulgada em 2016, intitulada Vereadores e feirantes questionam critério de licitação da PBH. Na oportunidade, é discutida a licitação para as feiras livres em Belo Horizonte e como esses processos impactam diretamente os barraqueiros. Nesse contexto, as relações estabelecidas entre barraqueiros e outros comerciantes, assim como as políticas públicas ganham destaque. Assim, matéria reflete como as interações entre diferentes grupos de comerciantes podem influenciar o resultados desses processos licitatórios.

### *3. Impacto Cultural e Social*

O material coletado também proporciona uma análise sobre o impacto cultural e social da discussão envolvendo os barraqueiros do Mineirão. Elas lançam luz sobre como essa questão transcende o âmbito econômico, repercutindo na cultura local e na região.

Um dos aspectos mais marcantes dessas matérias é a narrativa dos barraqueiros como atores culturais significativos. O vereador Adriano Ventura (PT), em 26 de agosto de 2016, destaca a importância desses comerciantes na construção da cultura local. Assim, eles são apresentados como detentores de uma tradição que remonta à décadas, representando um elo entre o esporte, os torcedores e a história da cidade. Nesta perspectiva, os barraqueiros podem ser vistos como guardiões da memória cultural local.

Do mesmo modo, na matéria sobre as licitações realizada pela PBH (CMBH, 2016), também é enfatizado o impacto cultural das feiras livres da capital. A questão da tradição é central, com os barraqueiros mais antigos sendo retratados como pilares culturais para a consolidação da identidade local. Assim, é perceptível o fato de que as mudanças nas políticas públicas e nos processos de licitação são capazes de afetar profundamente o tecido cultural de uma comunidade.

Ao iniciar o processo de exploração do material coletado era possível imaginar que essas matérias poderiam ser facilmente analisadas pela ótica da Acessibilidade e Distanciamento da dimensão do Espaço Vivido. Isso se deve ao fato de que a sua proibição afeta diretamente o fluxo de dinheiro e de pessoas, uma vez que, para se alimentar, os torcedores eram induzidos a irem para a parte interna do estádio e, aí sim, praticar o consumo.

Porém, durante a realização da análise foi percebido que essa seria uma análise fundamentalmente econômica e que, dentro de uma pesquisa voltada aos estudos culturais, talvez não fosse a melhor forma de tratar o assunto. Em audiência realizada pela Comissão de Direitos Humanos e Defesa do Consumidor, no dia 20 de novembro de 2014, o vereador Coronel Piccinini (PSB) destacou que

Com a proibição das bebidas alcoólicas e o alto preço da comida dentro da arena, um grande número de torcedores se aglomera no entorno do estádio, onde também ficam ambulantes não licenciados vendendo comida e bebida, sem fiscalização da vigilância sanitária.

Com base nessas considerações, fica evidente que a tentativa da Minas Arena, administradora do estádio, de monopolizar o fluxo de consumo de alimentos antes e após as partidas é falha. Isso ocorre por diversas razões. Primeiro, os preços praticados pela Minas Arena são considerados proibitivos para os torcedores, como apontado pelo vereador. Além disso, os torcedores têm uma concepção de acessibilidade e distanciamento na dimensão da representação do espaço que inclui a territorialidade dos barraqueiros e o comércio de seus alimentos no entorno do Mineirão.

Conforme discutido anteriormente, as diferentes dimensões do espaço divergem e convergem, criando um espaço híbrido. Nesse contexto, a noção do que o torcedor acredita que aquele espaço deve ser acaba influenciando a forma como o espaço é vivenciado, mesmo que o comércio de alimentos no entorno do estádio seja ilegal naquele momento.

Um dos motivos que contribuem para essa noção é a longa presença dos barraqueiros na porta do Mineirão, desde 1965. Essa história e tradição fazem com que os serviços oferecidos pelos barraqueiros sejam vistos como uma participação histórica e cultural, estabelecendo uma conexão afetiva entre os torcedores e os barraqueiros.

Por outro lado, a dimensão do espaço de representação imaginado na esfera do uso e apropriação do espaço também é relevante. A defensora pública Júnia Roman destaca que a população deve ter garantido o direito ao patrimônio cultural e material da cidade, incluindo o tradicional feijão tropeiro do Mineirão, que representa a história do estádio, de Belo Horizonte e de Minas Gerais. Essa perspectiva reforça a importância cultural dos barraqueiros e sustenta a argumentação a favor de sua permanência no entorno do estádio.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar de a Prefeitura de Belo Horizonte ter reconhecido os barraqueiros como patrimônio imaterial da cidade em 2014, aguardando apenas a posição do Ministério Público, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, em uma audiência de 2015, considerou que o retorno dos barraqueiros para o entorno do estádio violaria o Código de Postura do município. Esse conflito de posturas revela um desalinhamento entre o discurso da Prefeitura e o da Secretaria no que diz respeito à dimensão do espaço percebido, uma vez que a primeira reconhece a importância territorial dos barraqueiros, enquanto a segunda se baseia nas normas de conduta municipais para impedir seu retorno.

É relevante destacar também a presença constante dos barraqueiros nas reuniões da Câmara Municipal que debateram esse assunto, o que evidencia que sua resistência na ocupação do espaço vai além do entorno do estádio e inclui uma estratégia de ocupação dos espaços de decisão institucionais. Diferentes atores e instituições apresentam suas perspectivas, narrativas e discursos em torno desse tema. A defesa da tradição e do patrimônio cultural imaterial, a busca por segurança e ordenamento urbano por parte dos órgãos públicos, e as reivindicações dos barraqueiros em relação ao seu sustento são exemplos de representações que moldam as discussões e decisões sobre o comércio de alimentos no entorno do Mineirão.

Assim, através da análise das matérias selecionadas e a luz das categorias de produção do espaço adaptadas por nós, percebemos que a ocupação dos barraqueiros no entorno do Mineirão é um tema complexo que

envolve uma série de fatores socioeconômicos, culturais e políticos. Sendo que em termos socioeconômicos, é fundamental compreender o impacto da proibição ou restrição das atividades dos barraqueiros no entorno do estádio. Muitos desses comerciantes dependem dessa fonte de renda para sustentar suas famílias, o que significa que as medidas adotadas podem ter consequências significativas para suas vidas e para a economia local. Assim, a proibição pode levar ao desemprego e, conseqüentemente, à miséria.

É importante considerar também que os conflitos de interesse presentes nesse contexto se apresentam na administração do estádio e sua busca do controle exclusivo do comércio de alimentos como uma forma de aumentar sua receita. Por outro lado, os barraqueiros defendem seu direito de continuar suas atividades tradicionais e argumentam que a proibição fere sua liberdade de trabalho e afeta sua identidade cultural. Esses conflitos de interesse influenciam as decisões tomadas pelas autoridades municipais e moldam a forma como o debate é conduzido, influenciando também na forma como o público do evento transita e interage no local.

Além disso, foi notado que a participação popular desempenhou um papel importante nesse contexto. A mobilização dos barraqueiros e sua presença nas reuniões da Câmara Municipal demonstram a importância da participação da comunidade na defesa de seus interesses coletivos e na tomada de decisões relacionadas ao espaço urbano e ao patrimônio cultural. A inclusão desses atores nos processos de tomada de decisão contribui para uma maior democratização das políticas urbanas e para a consideração das diferentes perspectivas e necessidades dos diversos grupos presentes na cidade.

### **Considerações Finais**

O comércio de alimentos no entorno do Estádio Mineirão é um fenômeno que vai além das questões econômicas, estendendo-se às práticas culturais daqueles que frequentam o espaço e aos saberes tradicionais dos responsáveis pela preparação dos alimentos. Ao analisarmos essa situação, podemos observar que os barraqueiros do Mineirão utilizaram diversas estratégias para legitimar e reivindicar a ocupação do território no entorno do estádio. Dessa forma, suas ações contribuem para a criação de um espaço híbrido, fazendo com que o espaço vivido, percebido e imaginado estejam em diálogo intermitente.

Diferentes atores e instituições apresentam suas perspectivas, narrativas e discursos em torno desse tema. A defesa da tradição e do patrimônio cultural imaterial, a busca por segurança e ordenamento urbano por parte das autoridades públicas e as reivindicações dos barraqueiros em relação ao seu sustento são exemplos de representações que moldam as discussões e decisões sobre o comércio de alimentos no entorno do Mineirão.

Essas ideias surgem a partir do estudo das culturas alimentares, que englobam aspectos do conservadorismo em relação às práticas culinárias e as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Quando se trata de cultura alimentar, a culinária tradicional desempenha um papel central. Os barraqueiros, muitas vezes, são portadores de saberes tradicionais transmitidos ao longo das gerações. Eles dominam técnicas culinárias

específicas, conhecem ingredientes regionais e preservam receitas antigas que carregam consigo um profundo valor histórico e cultural.

Diante desse panorama, é possível identificar várias lacunas e oportunidades para futuras pesquisas. A compreensão mais aprofundada das dinâmicas entre os barraqueiros, os frequentadores do estádio, as instituições públicas e as políticas urbanas permitiriam uma visão mais abrangente sobre o comércio de alimentos nesse contexto específico. Além disso, a análise das implicações sociais, econômicas e culturais desse fenômeno poderia contribuir para a formulação de políticas mais adequadas e inclusivas, que considerem os aspectos culturais e sociais envolvidos.

### **Referências bibliográficas**

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda et al. Percepções e manifestações do torcedor mineiro sobre o “novo Mineirão”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. S742-S757, 2014.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma. 2016. 313 f. 2016. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Física) -Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CONTRERAS, Jesús. GRACIA, Mabel. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

JÚNIOR, Mauro Lúcio Maciel et al. Além dos 105 minutos: currículo cultural e (re) produção de modos de ser torcedor. 2019.

MALAIÁ, João. Esporte, Economia e História. In MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael; PERES, Fabio; COUTO, André Alexandre Guimarães (Orgs.). *História do Esporte: diálogos disciplinares: comemoração dos 15 anos do Laboratório Sport*. 1.ed - Rio de Janeiro: 7Letras, 2020. p. 101-111.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; DA SILVA, Sílvio Ricardo. Os discursos presentes nas estratégias de criação do “Novo Mineirão”: modernização e tradição no jogo que acontece fora das quatro linhas. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 14, n. 2, p. 57-77, 2014.

MENESES, José Newton Coelho. Mesa farta, gostos diversos. Cozinha e práticas alimentares da elite mineira (séculos XVIII e XIX). In: *História e Alimentação: Brasil séculos XVI-XXI*. (Orgs.) ANGRANTI, Leila Mezan; MACÊDO, Sídiana da Consolação Ferreira de. Belém: Editora Paka-Tatu. 2020.

PINTO, Liliane Faria. A comida como patrimônio no ICMS Cultural mineiro: o Pastel de Farinha de Milho de Pouso Alegre, a Queca de Nova Lima e os Biscoitos de São Tiago. XXIX Simpósio Nacional de História, ANPUH, 2017.

SANTOS, Milton. A Urbanização Desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos. Tradução de Antonia Déa Erdens e

Maria Auxiliadora da Silva - 3.ed 2.reimp - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. p. 22

SILVA, André Quintão da. Cidades, territórios e estádios de futebol: uma análise do consumo do espaço no entorno do Independência e Mineirão em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2023.

TURCHI PACHECO, Leonardo et al. COMIDA DE ESTÁDIO: REFLEXÕES SOBRE O "TROPEIRÃO" EA SOCIABILIDADE NO "NOVO MINEIRÃO". Movimento (0104754X), v. 26, 2020.

TRIGUEIRO, Karla. Uma abordagem territorial dos megaeventos esportivos em Belo-Horizonte/MG-Análise e interpretação do processo de desterritorialização dos barraqueiros do Mineirão. 2018.

VIMIEIRO, Ana Carolina et al. A economia cultural do futebol brasileiro no século XXI: comodificação, hibridez e contradições. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 12, n. 1, 2019.

### Fontes:

Artesanato na rua e bagunça em volta do Mineirão motivaram audiências. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 14 de jan. de 2015. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2015/01/artesanato-na-rua-e-bagun%C3%A7a-em-volta-do-mineir%C3%A3o-motivaram-audi%C3%A2ncias>

Barraqueiros poderão voltar a trabalhar no entorno do mineirão. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 19 nov. 2014. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2014/06/barraqueiros-poder%C3%A3o-voltar-trabalhar-no-entorno-do-mineir%C3%A3o>

Barraqueiros querem retomar as atividades no Mineirão em dias de jogos. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 26 ago. 2015. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2015/08/barraqueiros-querem-retornar-%C3%A0-atividade-no-mineir%C3%A3o-em-dias-de-jogos>

Barraqueiros tradicionais do Mineirão cobram retorno ao local. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 9 de jun. 2014. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2014/11/barraqueiros-tradicionais-do-mineir%C3%A3o-cobram-retorno-ao-local>

Em foco, situação de BH e barraqueiros do Mineirão. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 19 nov. 2014. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias>

[as/2014/11/em-foco-situacao-de-feirantes-de-bh-e-barraqueiros-do-mineiro](https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicacoes/noticias/2014/11/em-foco-situacao-de-feirantes-de-bh-e-barraqueiros-do-mineiro)

Licitação para feira do entorno do Mineirão será discutida na Câmara. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 24 ago. 2015. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicacoes/noticias/2015/08/licitacao-para-feira-do-entorno-do-mineiro-ser-discutida-na-camara>

Proibição de bebida alcoólica em estádio de futebol de BH ainda causa polêmica a Câmara Municipal de Belo Horizonte realizou Reunião Especial para debater a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol, decidida este ano pelo Ministério. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 14 de mar de 2015. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicacoes/noticias/2007/03/proibicao-de-bebida-alcoolica-em-estadio-de-futebol-de-bh-ainda-causa>

Segurança e direito à moradia serão temas de debates na Comissão. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 6 jun. 2014. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicacoes/noticias/2014/06/seguranca-e-direito-a-moradia-ser-temas-de-debates-na-comissao>

Venda de alimentos no entorno dos estádios será discutida em Comissão. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 30 out. de 2013. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicacoes/noticias/2013/10/venda-de-alimentos-no-entorno-dos-estadios-ser-discutida-em-comissao>

Vereadores vão discutir comércio no entorno do Mineirão. Câmara Municipal de Belo Horizonte. 6 jun. 2014. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunicacoes/noticias/2014/06/vereadores-voem-discutir-comercio-no-entorno-do-mineiro>

Recebido em 30 de junho de 2023  
Aprovado em 12 de agosto de 2023